Ex.mo Snr. Dr. Octaviano de Sá
Graça da Tri...ia
Coimbra

ANO I — Coimbra, 15 de Março de 1925 — N.º 1

HUMANIDADE

JORNAL DE ESTUDANTES DE COIMBRA

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

ASSINATURAS
Cada 6 numeros . . . . 2$40
Numero avulso. $40
Anuncios mediante acôrdo particular

REDACTOR PRINCIPAL
Vitorino Nemésio
EDITOR
Carlos Soares de Oliveira

Redacção e adm. : R. do Guedes, 19
Propriedade da Empreza " HUMANIDADE ,,

Tip Bizarro — R. da Moeda, 12-14

Á MANEIRA DE PRÓLOGO

Este jornal, que hoje sai, nasce com bôas esperanças e, se não acreditamos que sempre em esperanças se acaba a vida, bem de utilidade elas são no sustentar duma ideia, dos principios. Nasce com bôas esperanças e se morrer quasi de certeza morrerá com elas. Ha-de parecer-lhes de ruim agoiro este falar de morte em dia alegre de nascença, mas temos razões de sobra para explicar o caso. Não que a coragem nos falte em seguir um caminho, ou que a vontade se quebre ao menor choque, á mais banal contrariedade; mas tão pouco risonha se nos apresenta a atmosfera académica, tão desfavoravel á propaganda e estudo de qualquer coisa útil, que todos os presentimentos, os mais desfavoraveis, são de aceitar.

Não ha entre nós jornal ou revista que marque com segurança uma tendêucia artistica, ideológica, política mesmo. O « Triptico », além de não poder dizer-se apenas de estudantes, embora destes lhe venha a vida, está confinado num campo restrito, de especial actividade, beleza e pouco àlem. E' no seu aspecto particular algo de aproveitavel, mas não representa o que devia na população de capa e batina. O « Estudos », tambem de duvidosa inspiração académica, o que é natural dada a organisação que representa, não pode ser mais que o orgão duma associação de determinadas atitudes religiosas e quiçá políticas, com normas especiais de existência e de acção.

De bom grado se concorda que isto não basta a uma classe que sustenta responsabilidades de cultura superior, universitária, variada e intensa; pior ainda se considerarmos que essa classe de Coimbra blasona de primeira entre as congéneres de Porto e Lisboa, ponto que não queremos agora discutir, aflorar sequér: referimo-nos apenas a um dito freqùente. Aparece, hoje, êste jornal... Nem com toda a vaidade possivel conseguiriamos iludir-nos, julgando que êle vem preencher um logar ha muito vago; pensá-lo seria a prova de que tal não sucederia... Mas não vimos, comtudo, sem ilusões: era uma afronta aos nossos anos de rapazes e a quantos idealistas de bôa vontade, por aqui se teem gasto. Mesmo qualquer de nós que sinta no espírito a ponta de bolôr do scepticismo passará uma filosofia amavel sôbre a parte atacada e ha-de mostrar que está puro de desenganos, tão puro que pode receber todos quantos cheguem... Viemos os que podemos vir, com o que podemos trazer; é possivel que outros venham ainda. Não enchemos o logar vago, sentamo-nos á beira esperando que o dono legitimo o ocupe, para batermos as palmas com a maior alegria e sinceridade. Até lá deploraremos a sua falta e faremos o possivel para que êle surja, que é do sentir da multidão e para a interpretar que nascem os herois e os sábios. Temos por norma conservarmo-nos quietos e atentos, o ar de quem espera, mas de tal forma que quem passe nos não julgue nirvanizados e sôbre nós atire a esmola duma pedra ou dum punhado de terra. . Pois se a gente tem, a despeito da certidão de idade, os clássicos vinte anos de todos os estudantes!. .

Ideias gerais para pôr ao alto do que se escrever duas nos bastam: a de liberdade e a de crítica, que mais não é que a conseqùência lógica da primeira.

Se bem as interpretarmos e seguirmos algo teremos feito de útil e em parte se dará cumprimento ao nosso programa — um programa que aparece antes das eleições mas não em vista delas. Exercer com liberdade e justiça o espírito crítico não se pode chamar uma atitude nova em Portugal, e felizmente. Mas porque á nossa mocidade custa o pêso das fórmulas velhas e gastas, opressôras apenas, entraves a uma vida mais pura e mais leal, e porque a crítica, sendo a mais alta manifestação da liberdade, nos ensina a destrinçar o aproveitavel do toleravel por inércia ou por engano e preconceito, calha-nos bem a divisa e com todo o coração a defenderemos. Generosamente, sem paixão e sem sofismas, desligados de grupos, seguindo apenas ideias, seremos correctos como a educação e o respeito próprio nos impõe e para isso não julgamos preciso atar as mãos e a pena a um dogma ou a uma autoridade, só porque é autoridade.

Se a vida em si continua a ser sempre tão miseravel que o maior castigo ela o será, para quê de motu-proprio e oprimindo muitos em beneficio de poucos ir enredá-la em superstições, em laços, em engrenagens incómodas e tristes? Não se pode, por isso, dizer que não seja uma tarefa digna de homens novos olhá-la má e capaz de melhoramento, trazendo hoje — e podeis crêr que com sacrificio — um leve esfôrço para a mudar e melhorar. Não é uma utopia, é uma doutrina. E que o fôsse? Todas as grandes e belas ideias pareceram utopias e esta é tão velha que não será exâgêro desejar-lhe próxima a realisação. Do mais, iremos dizendo depois.

Nêste nosso meio as questões não precisam, em geral, de

luta para morrer, acabam de inanição, entre um encolher de hombros e um bocêjo. Não será necessário citar exemplos: basta que cada um se considere e ao passado. E' um meio fácil, mas que parecendo resolver agrava o mal. E é em nosso próprio interêsse, estudantes que àmanhã vão passar de ensinandos a dirigentes, que devemos tudo discutir, atacando ou defendendo. Será o processo aqui seguido. Isto dito, tenham a bondade de abrir o jornal e lêr a outra prosa, que se o principio não é bom pode ser que o resto os satisfaça.

Dos Livros

Será feita, obrigatoriamente, a apreciação das obras de que forem enviados dois exemplares à redacção deste jornal.

D. Sebastião, Rei de Portugal

: *Antero de Figueiredo* :

Deixando a outros mais competentes a discussão das aliás discutiveis ideias do Prefácio, eu encaro o *D. Sebastião* de Antero de Figueiredo como obra de arte. Aceito, pois, a figura do Desejado na interpretação do seu apologista: Sou dos que pensam que um Artista é livre de interpretar os próprios vultos históricos como melhor convenha à sua arte e ao seu temperamento. Claro é que um Artista assim muito raro poderá ser simultaneamente um historiador. Mas eu esqueço-me por sistema de todas as pretensões de Antero de Figueiredo — tirante a de fazer arte. E se como obra de arte o seu livro me interessa, mais do que pelo talento nêle manifestado é pelo relêvo com que exemplifica uma das características da literatura contemporánea. E' ela o gôsto do decorativo e do artificioso, a megalomania da amplificação verbal, o culto da palavra pela palavra, a modernisação do gongorismo. Esta tendência, tão observavel nos nossos escritores consagrados como nos candidatos à consagração, lavra tanto nos que se voltam para a literatura nacionalista (incluindo os regionalistas) como nos que se penduram do modernismo cosmopolita. Antero de Figueiredo, tido por um Mestre, pareceu-me no seu último livro um belo exemplo a comentar. Vejamos. « Este D. Sebastião » — diz o autor falando dos intuitos estéticos do seu livro — « estima ser melhor que romance: ser vida. Deseja ser superior à vida: ser beleza ». Eis palavras que o escritor muito a seu gôsto reuniu com donaire, mas que nem por isso têm grande significação. Com efeito: O seu livro «estima ser melhor que romance: ser vida ». Ora qual é o género literário mais próximo da vida do que o romance? Como pode um livro ser vida senão sendo romance, isto é: imitação e interpretação dum pedaço de vida? Mas ser vida ainda não satisfaz a megalomania do *D. Sebastião* (Falo do livro, entenda-se.) » Deseja ser superior á vida: ser beleza ». Ora como pode êle ser beleza senão sendo vida interpretada, isto é: sendo romance? Quer dizer: O livro de Antero de Figueiredo estima ser vida para ser melhor que romance, deseja ser beleza para ser superior á vida, e só pode ser vida e ser beleza sendo romance ou participando do romance. Aí fica exemplificada, ou pelo menos sugerida, a caraterística dominante do *D. Sebastião:* Culto da retórica até ao sacrificio da ideia, da emoção, da vida, da beleza verdadeira e profunda. Aclamado um dia como estilista (Ah! que mau dia lhe foi êsse!) Antero de Figueiredo quedou-se de tal modo a bolear a frase, a rebuscar o termo, a procurar o efeito — que conseguiu escrever um livro como o *D. Sebastião*. Ora o que é o *D. Sebastião?* No gôsto do seu autor, é um livro admiravelmente escrito. Quer isto dizer que é um livro admiravel? Não!

A preocupação purista não pode deixar de ser secundária numa obra de arte. Um estilo só vale — quando o estilo é o homem. Ora o estilo de Antero de Figueiredo . é o homem de letras. E no entanto, ainda é êle a maior recomendação do livro. E' triste, mas é verdade. Senão, tome-se o volume: Procurem-se nêle intuições psicológicas, adivinhações de dramoturgo, profundezas de emoção ou de pensamento, intenções ocultas e superiores. Acharemos que aquele « trecho de história posto em arte » é apenas uma série de capitulos formados por pedaços de prosa. A psicologia das figuras é rudimentarissima, incluindo a do heroi. Quem quizer a prova, releia, por exemplo, o capitulo que o autor chamou: « Educação religiosa e misticismo guerreiro». Para cantar a adolescência de D. Sebastião — singular manequim digno de ser animado por um Ibsen, um Dostoïewsky ou um Shakespeare — o autor só acha algumas anedotas que não espreme, algumas ingenuidades, e algumas frases tão literárias, tão postiças, como isto: « Assim educado e instruido, lançava-se em devaneios coloridos: sua alma mística sonhava azul; sua alma guerreira sonhava vermelho » (pag. 94). Isto é pôr em pé corpos mortos? Isto, em calão literário, chama-se *fazer estilo*. Estas coisas esquisitas, êstes « devaneios coloridos », só podem ser escritos pelos temperamentos bizarros que os sintam. Por aqueles em quem o estilo é o homem. E então, já não serão só literatura. Mas para que insistir? Este gôsto de literatura trai-se em todo o livro de Antero de Figueiredo: Nos titulos dos capitulos, na scenografia das descrições, na pesquisa do vocabulário arcaico, no amaneirado da exposição, na ênfase de certas tiradas lírico-oratórias, etc., etc. Ora como simples *literato*, Antero de Figueiredo merece a consagração que goza. Veja-se, por exemplo, os retratos que esmaltam o seu livro. São primorosos, embora a gente esteja a vêr o pintor dispô-los. Releia-se o capitulo « A lição dos mortos »; o de « Muitas e desvairadas gentes »; os de « Em terras de Magrebe »; os de « Alcácer-Quibir». Salvando alguns pedaços mais vivos, todas essas páginas triunfam apenas pelo *belo literário*. Sente-se nelas que o autor se preocupou muito mais com adornar o seu painel do que com o fazer vibrar. Ora sendo êste talento retórico aceite pelo próprio autor como requinte de arte, como beleza superior, eu não teria o direito de acusar um artista que consegue o que deseja; não, se Antero de Figueiredo tambem se não propuzesse pôr « em pé corpos mortos e neles seu espirito ausente; animar scênas e mover quadros parados ». Para isso, é que não bastam os belos dotes literários exibidos nêste livro tão conscienciosamente escrito. Para isso, é preciso ter uma arte aparentemente muito mais simples, mas realmente muito mais complexa.

El hombre que mató al Diab'o

: : *Aquilino Ribeiro* : :

: : La Novela Semanal : :

« .. Pero su amor vino tarde. El mio murió por ahi. . Murió desde esa hora en que me fué posible dejar de desear. . ». Assim fala Macário — o homem que matou o Diabo — na última página da novela de Aquilino. E as suas palavras abrem-nos a novela: A' força de insistir, Macário cansa; e no momento de alcançar — compreende que já não ama nem deseja. Assim consegue matar o Diabo que o possuira — belo Diabo luxurioso e sentimental: entregando-se todo, insistindo sempre, obrando tudo para chegar ao instante da vitória .. frustrada.

A concepção é curiosa, com o seu quê de imprevisto. E no entanto, a importância dada pelo autor à descrição acidental e à dramatisação episódica fazem da ideia geratriz uma espécie de pretexto para a manifestação de certos dons literários. Ora triunfantemente exibidos em livros de pêso, êssés dons literários nem sempre quadram ao molde que o escritor aqui lhes talhou: Sem deixar de ser o autor da *Via Sinuosa* ou das *Terras do Demo*, Aquilino condescendeu com a maneira moderna, cinematográfica, das novelas da moda. Por isso peca a sua novela. Toda a gente reconhece em Aquilino Ribeiro ótimas qualidades de prosador e de romancista. O seu vigor de dramatisação, o seu conhecimento da lingua, o seu poder descritivo, a saborosa originalidade das suas imagens, a sua intuição do diálogo pitoresco — fizeram dele o autor de alguns livros fortes e vivos. Mas comprazendo-se na *divagação*, Aquilino ostenta por demais as suas belas qualidades para ser o novelista cortante, nervoso, sintético, da hora literária. Vejamos a sua novela: A scêna da confissão, a da entrega das pratas, a do reencontro de Isabel e Macário, revelam a mão que as escreveu. Mas têm elas mais importância, no desenvolvimento da narrativa, que muitas outras só fugidiamente esboçadas? Seria fácil provar o contrario. Proporcionalmente desenvolvidos os vários episódios da sua ficção, Aquilino Ribeiro teria escrito um romance — que seria interessantíssimo. Assim, escreveu uma novela a que a má proporção das parte

dá um irremediavel aspecto de fragmentação. A sua novela é um esbôço com páginas acabadas, de romance, e outras só escritas para ligação dessas. Não enumerarei agora os dons literários — dons de observador e de estilista — que no autor compensam esta falta de construção. Quero citar apenas o seu talento de retratista, tão discreta e subtilmente usado na novela. Não possuindo predominantemente o dom da imaginação psicológica, da pesquisa de vida interior, Aquilino tem no entanto a visão pitoresca dos seus herois: Tudo o que exteriormente os caraterisa e os anima, êle o anota com agudeza e finura. Monseñor don Alonso, Regina, Isabel, Cipriano, Macário, Lu —são esbocetos apenas entrevistos, mas já poderosos de naturalidade e vida.

José Régio.

Tempo Perdido, pelo *Dr. J. M. Teixeira de Carvalho.* Imprensa da Universidade—Coimbra — 1924.

Raro espirito o deste homem que após uma vida em que a sua inteligencia e o seu engenho o assinalaram entre os maiores, continua na morte a falar, a encantar, a engrandecer-se!

Os trabalhos que, no seu caminho foi deixando, agora por mão amiga compilados, mostram-nos que essa criança de grandes barbas alvejantes, luminosas como a sua alma, era melhor e maior do que muitos julgavam, mormente aqueles que só lhe conheceram o verbo faiscante, a ironia contundente que a fogo os marcava.

Muito se enganaram, pois, aqueles que, morto ele, julgaram emmudecida aquela voz. Não. Cada vez é mais viva, e mais eloquente e mais embaladora, embora menos contundente.

A prová lo, ai temos os seus livros, que, uns após outros, vem aparecendo, com uma continuidade impressionante.

Dos ultimos, falaremos daquele cuja indole mais se amolda ao feitio desta revista de moços — *Tempo Perdido.*

Este livro mostra-nos o seu autor sob um aspecto novo — o de contista. Contista á sua maneira, é bem de ver.

Ninguem falava como ele, ninguem pensava como ele, ninguem via como ele. E' natural, portanto, que ninguem conte como ele. E assim é.

Contos, não é bem. Impressões d'arte, emoções, palhetadas, manchas de luz, rápidas, leves, mas sempre fulgurantes.

Não se confundem.

Querem vêr? E' do *Natal no Céu:*

« Santo Eloi, o grande ourives, tem no céu grandes oficinas em que trabalham os anjos noite e dia, a polir e a facetar as dôres choradas sôbre a terra. E não ha lágrima que nas mãos dos Anjos se não ponha a rir e a brilhar como custosa pedra preciosa. O rubim vermelho do sangue derramado, a pérola da lágrima chorada, a esmeralda das verdes ilusões desfeitas, todas as cristalisações irisadas da dôr são cravadas pelos Anjos, ourives na prata que vem das terras da lua, ou montadas em filagrana de sol e todas, todas se gastam nos bordados para enfeites dos vestidos que cobrem os corpos liliais das Santas ».

Lindo, não é verdade?

Pois erra assim, delicado e luminoso, êsse alto espirito que os moços de hoje não conheceram mas de que se lembram, com internecimento e saudade, todos quantos por aqui passaram nos últimos 50 anos!

Uma questão académica

Mário de Castro, estudante da Universidade de Coimbra, publicou agora em folhêto algumas peças do processo disciplinar que lhe foi movido pela Faculdade de Direito de Lisboa, juntando-lhe as considerações elucidativas que o caso merecia e precisava. Não porque os amigos deste jornal sejam amigos de Mário de Castro, mas porque nessas quarenta e tal páginas se definem e focam atitudes de nobreza de caracter e de cobardia moral, de espírito de justiça e de opressão estreita de classes, de desassombro sereno e de vaidade ferida, é-nos grato transcrever as linhas seguintes, do capitulo — *Conclusão:*

— » De nada valem os acontecimentos, quando não conteem um qualquer significado social que os distinga e os caraterise, de nada valiam os documentos e nada justificaria que eles viessem desta forma a público, se não contivessem copiosa moralidade. Com efeito, o que dentro deles se agita não é apenas uma questão disciplinar motivada por um conflito entre um aluno e um professor; não é apenas a personalidade moral de dois homens e já isso era valioso elemento de estudo — o que nitidamente ressae e se define nestes acontecimentos; eles tiveram o condão de trazer á superficie, em toda a sua cruel evidência, os vicios de organisação e funcionamento que fazem da escola portugueza uma ruina que dificilmente mantem o equilibrio lógico perante as rajadas de renovação social e scientifica que sopram de todos os quadrantes e, sobretudo, perante o bafo quente das imperiosas necessidades nacionais. Verdadeiramente, o que se agita nestas páginas que ofereço aos pedagogos e aos reformadores, como optima documentação, é todo um problema nacional, é todo o problema português por excelência: o problema da reforma da mentalidade, tão certo é que, por via de regra, da escola saem os elementos que a compõem. E' a necessidade duma pedagogia nova que não atrofie mas estimule e corporise o élan espiritual dos moços: uma pedagogia que substitua o culto da esperteza negativista dos juristas, a quem soe chamar-se lisongeiramente raposas, pelo culto da verdadeira inteligencia — a inteligencia sincera, a inteligencia creadora que usa a clareza como método e busca a verdade como único fim. Uma pedagogia nova, susceptivel de educar carateres e formar inteligencias, que ao desregramento dos fetichismos sentimentais substitua, na análise dos problemas, a disciplina forte do raciocinio crítico. Uma pedagogia que radicalmente transforme as tendencias parasitárias do portuauês, dando lhe a conformação, ao mesmo tempo individual e social, do homem viril que em si próprio, nas energias da sua vontade, nas aplicações da iniciativa própria encontre a força que leva ao triunfo. Uma pedagogia, emfim, que dê á Nação os homens de que a Nação precisa: inteligencia clara, vontade firme, posta ao serviço dum nobre e fecundo idealismo de acção, inconfundivel, por isso mesmo, com arroubamentos místicos de oração. E sob esta doutrina como fim, uma organisação escolar, corporisando-a, que a ponha em movimento. Uma organisação escolar que faça do ensino, não um diletantismo mas um sacerdócio; uma organisação que invalide a possibilidade de os mestres *cristalisarem* e entre eles e os alunos estabeleça a mais íntima comunhão espiritual, que desfaça esta monstruosidade pedagogica ainda actualmente viva, por virtude da qual, mestres e alunos são castas *ensimesmadas*, vivendo uma vida àparte e antagónica, de que é uma prova eloquente, esta expressão d Dr. José Tavares para mim, a propósito do conflito « o senhor naturalmente lá com os seus colegas defende-se como eu me defendo com os meus . »

« Uma organisação escolar baseada num conceito novo de disciplina, para sempre postergar-se esta noção estúpida, anacrónica, insuportavel que ainda corre mundo, e em virtude da qual o professor e o aluno sao como comandante e soldado raso! »

ORDEM! ORDEM!

Eis a palavra que rebôa em todo o âmbito dos quatro pontos cardiais de Portugal, o grito que sai da bôca de todos os portugueses, aquecido pelo mesmo sopro de aspiração frenética.

Nos campos, como nas cidades, nos casebres de gente pobre, como nos palacios de gente rica, nas assembleias revolucionárias como nos templos religiosos, nos panfletos subversivos como nos periódicos ortodoxos, em toda a parte se grita anciosamente por ordem. De todos os pontos cardeais de Portugal se berra por ordem — ordem nas finanças, ordem na economia, ordem nas profissões, ordem nas relações sociais, ordem na familia. E se assim é, se afinal todos os lábios expelem o mesmo grito e todos os corações sentem a mesma aspiração, se a ordem é um mesmo fim vital anciosamente desejado por gregos e troianos, porque vivemos nós nesta tremenda desordem?

Responder a esta progunta, seria fazer a análise de toda a nossa organisação social e mais ainda a investigação e exposição de todas as causas da grande crise que atravessamos.

Por isso, neste artigo de hoje, limitar-nos-hemos, sómente, a apreciar uma só das causas por virtude das quais a desordem alastra e insinua-se cada vez mais, a despeito de unânimemente se gritar por ordem: e essa causa é, a profunda antinomia que separa em duas nítidas falanges aqueles mesmos que empregam a palavra ordem, antinomia que provém de cada uma lhe atribuir conceitos fundamentalmente diversos.

Antinomia flagrante que não é de hoje mas de séculos, que acompanhou a história universal em todo o seu longo decurso, revestindo uma forma hoje e outra àmanhã, mas sempre a mesma no seu significado substancial!

Antinomia dolorosa e tão formidavelmente enérgica, tão evidentemente determinante, que a despeito da pressão espiritual e anestesiadora das religiões, rebentou em fluxos de sangue na velha sociedade romana, carreou os lenhos que alimentaram as labaredas da Bastilha, explodiu no dinamite que desfez o império dos cézares, aflige ainda hoje as pessoas sinceramente ordeiras e não deixa duvida a qualquer consciência esclarecida sôbre a natureza daquele negrume expesso que eu vejo àlêm, nos horisontes do futuro, como uma nuvem muito negra, empanando a claridade do dia: a miseravel antinomia entre os que possuem e os que não possuem, a lucta degradante e fatal, inevitavel, entre os que revolucionáriamente querem e os que obstinadamente negam.

Uma falange a dentro dos muros espessos da cidadela, defendendo com unhas e dentes a mais pequena das suas tradicionais regalias: outra falange aguerrida, acicatada de necessidade, atacando por todos os meios ao seu alcance as fortificações dessa cidadela tradicional. E ambas irredutivelmente apegadas ao seu conceito de ordem por fórma que dificilmente se antolha qualquer possibilidade transacional que trouxesse paz e socego aos nossos tempos. Uma fazendo da ordem a integral conservação dos seus privilégios de riquesa e hierarquia; a outra atribuindo-lhe um significado precisamente contrário de justa repartiçao. Uma impando de abundancia, a outra suspirando de insuficiencia! Uma defendendo furiosamente um sistema social em que há superiores e inferiores de criação arbitrária, outra lutando sacrificadamente por um sistema de colaboração. Uma vendo na subordinação a um conceito deshumano de autoridade tradicional, empírica, ininteligente, a garantia da ordem, e valendo-se, para a efectivar, da força dos exércitos; outra vendo numa justa repartição de bens e numa integração racional de actividades no mesmo sistema de colaboração, a verdadeira noção de ordem, chegando, para a implantar, aos condenaveis e ultrajantes processos do dinamite.

E o observador imparcial, que desapaixonadamente e com o mais rigoroso escrúpulo de consciencia se aplica a estudar o problema, não pode deixar de concluir que a causa fundamental da desordem é a desordem, isto é, uma viciosa e viciada organisação da sociedade.

Ordem quer dizer justeza. Ordem quer dizer equilíbrio. Ordem quer dizer justaposição. E a razão porque há desordem provém precisamente porque nas sociedades actuais não há justeza, não há equilíbrio nem há justaposição. Não há justeza porque os indivíduos andam deslocados das funções que deviam exercer pelas suas capacidades naturais, metidos nelas uns *à fortiori*, por razões tradicionais e privilegiadas, deslocados delas outros pela brutalidade social que, pelas irregularidades da repartiçao, lhes tolhem o livre desenvolvimento natural.

Não há equilíbrio porque todos os instrumentos de produção estão absorvidos por uma parte que, para maior ilegitimidade, é a minoria, sem consideraçao alguma de justiça.

Não há justaposição porque na escala social os indivíduos não estão colocados por uma razão de valor mas por uma razão tradicional de violencia. E' por isto que não há ordem. A desordem das ruas, a guerra das relações sociais, as bombas dos jovens sindicalistas, são por certo processos condenaveis, são por certo ultrajes cuspidos em plena face da dignidade humana.

Mas reparem aqueles que sem a mais leve generosidade estigmatisam tais processos que eles não são uma causa, mas um efeito, que considera-los uma causa em si é uma crassa estupidez, que procurar debela-los pela força das armas sôbre ser estupidez ainda mais crassa é uma refalsada maldade mil vezes mais condenavel, que combater a desordem é eliminar as suas causas e eliminar as suas causas, senhor conselheiro Acácio do Século, é, como muito bem diz a *Epoca*, de 24-2-925, substituir pela *renovação*, o comodismo dos conservadores, ou, como dizem as *Novidades*, de 24-2-925, pôr nos seus devidos termos a significação da palavra ordem que «não é apenas a tranquilidade nas ruas, mas a justiça nas relações sociais e a moralidade em todas as existências».

No meio de tudo isto, o que mais me impressiona é a estupidez incrivel desses pregadores duma ordem entendida ao sabor dos seus interêsses, estupidez miseravel que o revela não sómente uma coisa que à inteligência repugna mas o que é mais, uma coisa que repugna até à defesa do seu egoismo se ao menos soubessem ser egoistas com inteligência...

Mário de Castro.

A questão sebástica

Saíu uma 2.ª edição da *Exortação à Mocidade*, de Carlos Malheiro Dias, precedida de um longo prefácio em que responde à *Carta Prefácio* de António Sérgio no livro — *O Desejado*.

A despeito da sua energia, este prefácio é uma concessão quási completa à tese de António Sérgio, notando-se flagrantemente as maiores contradições entre o que dizia na *Exortação* e o que diz agora no *Prefácio*, como é facil de verificar comparando a *Exortação* com o que vem agora nas páginas 81 e 108 do seu prefácio.

Segundo nos consta, António Sérgio começará a responder a Carlos Malheiro Dias já no próximo número da *Seara Nova* e o nosso colégа Mário de Castro vai fazer em Coimbra uma conferência, ainda esta semana assim intitulada:

"A' margem da questão sebástica,,

na qual admitirá controvérsia.

Seja qual fôr a questão que se trate a dúvida é sempre melhor que a afirmação definitiva, a renuncia a toda a iniciativa pessoal que se chama a fé. Esta espécie de suícidio intelectual é indesculpavel, e o que é ainda estranho, é pretenderem justificá-lo, como geralmente se faz, invocando razões morais. A moral deve mandar o espírito investigar sem repouso, isto é, precisamente acautelar-se da fé.

GUXAU.

LITERATURA

Meditação sôbre telhados

Que tristeza quedar assim encerrado entre quatro paredes quando lá fóra anda o sol a bailar, velho bailarino, o bailo da vida e da morte! Mas que quero eu mais? Tenho a moldura da janela que me encaixilha o azul celeste e as pombas que passam, radiosas, batendo remiges subtís. Sim: tenho o céu, as pombas e os telhados, para a contemplação dos olhos! Que pretendo, afinal, mais? Possuo tudo que resume o sonho duma cabecinha rescendente de donzela: o céu profundo em sua superficialidade, com anjinhos e querubins, tôda a côrte de Deus, nosso senhor, juiz dos juizes, que nos há-de julgar no dia do supremo juizo; pombas brancas, só neve, inocência de corpo límpido, tal â limpidez das águas; e um telhado, docél de pequenino lar com garrulices de crianças e beijos de espôso mui amado!

Em verdade, tenho tudo no que se resume a vida bem desejada por quem é simples de coração! Ah! Mas a par desta maviosidade de azul, desta doçura de àsas e desta rescendência de telhados floridos, diviso no quintal visinho uma contorcida e abandonada laranjeira junto duma pobre figueira que parece sonhar com Judas enforcado e ter a melancolia da morte nos braços pendidos! Pobres das coitadas! O abandono da terra de que apenas se nútrem mostra-me quanto é malvado o coração dos que são malvados, quanto é triste a vida dos que jamais balbuciaram com o *Eclesiastes: feci hortos et pomaria et consevi ea cuncti generis arboribus!* Nesta pequenina janela descobri, à semelhança dos Apostolos do Senhor, uma piedosa parábola! Contudo ainda o que mais me chama e preocupa é a infinita sorte de telhados que se abrangem com a vista. Este aqui mais perto com têlhas velhas talvez de séculos e plantas tão grandes como as dos jardins de Babilónia, deve ser um telhado sisudo, meio sábio, com ponderados conceitos sôbre o mundo e os astros. Parece dizer-nos em sua contemplativa mudez.

– Homens! Nada há no Mundo que valha o vigor da paixão. Deixai que vos acusem de pusilânimes, porquanto a verdadeira Vida não é a dos que agem senão a dos que contemplam!

Aquele além, de quatro águas, lusidio, tem aparências de bem comido burguês, e aquele outro quási destelhado, afigura-se-me romântico, capás de coloquios com estrêlas a desoras. Alguns há sem mais que uma deminuta chaminé, como cegos a apontar á eternidade de dêdo estendido; e, outros, ao invés, de olhos de lince – as clara-boias — junto de irmãos, desmedidos, homéricos ciclopes com um ôlho imenso ao meio da testa. E lá para diante, diviso ainda outros, de têlha nova, dessa oriunda de estrangeiras terras, vaidosos entre a humildade dos que nasceram e hao-de morrer encobrindo o mesmo sol.

Como isto é singular e profundamente humano! Em tudo achamos paralelo com nosso ser. Sômos a medida de tôdas as coisas como refere o Sábio! E seremos, na realidade, ou será nossa vaidade tão desmedida que ultrapasse a rectidão das mesmas consciências? Não sei! Será bom, até, não sabê-lo! Mas, há mais! Há mais ainda do que o céu, do que as pombas e do que os telhados. Há Santa Clara em seu convento e o monte de seu nome deitada numa postura de estátua jacente com o rio ao lado escorrendo, silencioso, pela areia, como veia muito azul por braço muito branco! Só agora reparo em que anda uma mulher de cima daquele telhado estendendo roupa, de mangas arregaçadas, destemida para não sentir a vertigem da altura. São peças do bragal: fraldinhas pequenas, como trapos, do menino que em baixo chora, no berço de verga, camisas do seu homem que anda no trabalho e uma fralda sua também, fralda de noiva, de espôsa e quiçá mortalha de defunta! Abriu nêste instante a vidraça da claraboia e desce para casa. Sigo o caminho dos raios do Sol refletidos e deparo-me, no trajecto, com uma costureirinha bordando a uma janela, num tecido leve, côr de rosa. O cabelo iluminado, de momento, tornou-se mais claro, quási brilhante: pareceu-me uma virgem em seu nicho de resplendor em volta da cabeça.

Descobri um pequeno mundo sôbre êstes telhados! Mas falta ainda lembrar aquela gata branca que vem tôdas as tardes mirar-se no vidro da trapeira ali de fronte. E' vaidosa e presumida! Já pensei que esperasse algum derriço ou se amaneirasse, carinhosa, de sorte a entreter a solidão de minhas horas.

— Bem te agradeço, formosa irmã de minha gata *Joaninha* longe daqui ouvindo o mar e de quem já ando saudoso! Sonho! Acabo por sonhar, com certeza! Medito sôbre tudo! Assim a meditar já as estrêlas se vão acendendo na casa do Senhor! Anatole dizia que o homem veio ao Mundo para compreender. Será, talvez, esta a razão de minha constância na compreensão de coisas que não têm outro significado a não ser aquele que nossa imaginação lhes quere dar!

Entramos pouco a pouco no crepúsculo.

O corpo de Santa Clara jacente parece erguer as mãos ao céu ao tempo que as águas do rio descoram, vão perdendo o azul de veias em braço de mulher. Assim, na penumbra, apenas iluminados pela luz mortiça que os recorta no horisonte, os pinheiros da encosta, parecem pinheiros de Fra Angélico. E, coisa singular! Consoante a noite vai abraçando a terra, assim os telhados se confundem com a sombra até serem sombras êles mesmos. Nas claraboias a luz começa a scintilar afigurando-se-me outras tantas estrêlas. Do mundo descoberto só restam êstes ínfimos pontos luminosos. Nada do que há momentos me entretinha os olhos aparece mais. Tudo se sumiu na treva, tragado pela bôca da noite. Só, vagamente, descurtino o vulto da palmeira ali do largo. Desta cidade de palmeiras é aquela a única que amo. Solitária, ao cimo da escada de pedra, chêgo a lamenta-la, quando, em invernosas noites, ouço seus queixumes na escuridão. Despresada neste canto, parece, por rebeldia, ter crescido mais formosa. Já a ternura dum pintor e o carinho dum amoroso lhes deram, aquele leito numa tela, êste passo em história de peregrinos amores.

Entrou a noite e com ela o silêncio. Minha meditação estingue-se com a luz do sol. Na moldura da janela só se encaixilham agora estrêlas: estrêlas do céu e estrêlas da terra. Nas do céu não sei o que haverá! Talvez infinitas coisas, talvez coisa nenhuma! Nas da terra, sei: há cabeças dobradas em vigília, deleitosos corpos de mulheres que se aconchegam em sonhos e lágrimas, alegrias, dores — há tudo e de tudo!

Coimbra, 20 de Dezembro de 1924.

João Gaspar Simões.

POETAS DE COIMBRA

Canção Perdida

Segredo do Mundo,
Sentido da Vida,
E's no mar profundo
A onda perdida!

A onda perdida,
A onda mais alta!
A hora esquecida...
A estrêla que falta!

A estrêla que falta
Num céu cheio delas!
— Um sonho que exalta
As almas mais belas!

Segredo do Mundo,
Sentido da Vida,
E's no mar profundo
A onda perdida!...

1923. ANTÓNIO DE SOUSA.

ADMINISTRAÇÃO

A todas as pessoas a quem este jornal é enviado e que não desejem assiná-lo pedimos o devolvam à redacção.

A cobrança será feita após a saída do 2.º número, agradecendo desde já a todos os assinantes que nos enviem o preço da sua assinatura evitando despesas do correio.

Se Deus tivesse vindo ao mundo para revelar a verdade aos homens, o menos que teria feito seria revelá-la de modo que todos a pudessem compreender: se não fez isso, prova é evidente de que não era Deus: e se as verdades divinas são de tal índole que o próprio Deus não pôde fazê-las inteligíveis aos homens, é natural que os homens não tenham sido mais afortunados.

TOLSTOI.

Universidade Livre

Homenagem a Camilo

Promovida pela Universidade Livre, realiza o sr. Vitorino Nemesio, no salão nobre da Câmara Municipal, uma conferencia sôbre Camilo Castelo Branco, no dia do aniversario da morte dêste grande prosador.

Nos tres dias antecedentes realizar-se-hão tambem em locais que serão previamente indicados, varias leituras comentadas, com carácter popular, de algumas obras de Camilo. Essas leituras serão feitas pelos srs. Antonio de Sousa, Martins de Carvalho, José Crespo, Campos de Figueiredo, J. Vasconcelos e Almeida Costa.

Na sessão promovida pela Biblioteca Municipal usará da palavra o sr. Mario de Castro, como representante da Universidade Livre.

* * *

Curso de Espranto

Na Biblioteca Municipal (sede provisoria da Universidade Livre) está aberta a inscrição de alunos para um curso de Espranto regido pelo sr. Eugénio Eliseu.

* * *

Trabalhos Manuais Educativos

O professor sr. A. Viana de Lemos vai fazer uma série de lições, para professores, sôbre trabalhos manuais educativos.

A inscrição está aberta na sede provisória U. L. e na do Grémio dos Professores Primários.

* * *

Curso de Trabalhos (História de Portugal)

O professor sr. Almeida Costa vai iniciar brevemente, em local que será previamente anunciado, um curso de História de Portugal.

* * *

Curso elementar de francês

Está aberta a inscrição para um curso elementar de francês na sede do *Sport Club Conimbricense*, Largo da Freiria, n.º 14.

Este curso, regido pelo professor sr. Viana de Lemos, realizar-se-há naquele mesmo Club.

ANO I — COIMBRA, 1 DE ABRIL DE 1925 — N.º 2

HUMANIDADE

QUINZENARIO DE ESTUDANTES DE COIMBRA

ASSINATURAS
Cada 6 numeros. . . . . 2$40
Numero avulso $40
Anuncios, mediante acôrdo particular

REDACTOR PRINCIPAL
Vitorino Nemésio
EDITOR
Carlos Soares de Oliveira

Redacção e Adm.: R. DO GUEDES, 19
Propriedade da Empresa "HUMANIDADE,"
Tip. Peninsular—P. Velha—Figueira da Foz

RECEBEMOS, assinado pelos representantes das Juntas de freguesia desta cidade, um oficio em que se invoca "dentro do âmbito da nossa competencia" o auxilio para a colónia Balnear de Coimbra no ano de 1925. E' uma obra de assistencia infantil, visando garantir aos desprotegidos uns dias de ar puro e tonificante á beira-mar. Ideia altamente louvavel e da nossa maior simpatia, aqui fica bem expresso o desejo de que todos os que podem a auxiliem e protejam.

◇

JUSTAMENTE reconhecidos, agradecemos as referencias que a imprensa dedicou ao primeiro número deste jornal. E' tão vulgar a falta de camaradagem que às palavras reveladoras do contrário não podem deixar de ser registadas.

◇

TRECHOS escolhidos sobre Camilo e seu centenario:

"A literatura camiliana é, como é sabido, uma das formas mais faceis e rendosas do "conto do vigário". Preopinante reumático e escrufoloso, de pernas trôpegas, que já não sinta coragem de assaltar o lapús no Terreiro do Paço á chegada dos vapores, impingindo-lhe pedras por oiro em pó, já sabe que pode com exito seguro e impunemente armar a sua cilada aos camilianistas. Pode acontecer que o lapús evite o lôgro e o vigarista ordinário, pouco feliz nas suas digressões psicológicas, vá bater com a psicologia e os ossos ás lages da cadeia; mas não ha memoria de que um pescador de camilianistas não traga presos pela bôca todos os fieis ao seu anzol...

E' um desporto absolutamente garantido, e de que falam as gazetas com louvor".

Seara Nova, *n.º 40 (artigo de R. P.)*

◇

"ELE foi o mais português de todos os escritores portuguêses. Tão português, que a sua obra não conseguiu ultrapassar as fronteiras da lingua. Só pode ser compreendida pelos terrantezes de cá ou seus afins muito chegados. Pessoalmente, Camilo foi um simbolo, uma polarização—o tipo do português.

Filho... das ervas com pretensões a filho de algo, com a mania das genealogias e dos brazões, brigão, volteiro, conquistador, mistico, libertino, desbocado, perdulário, maldizente, trapaceiro... E' bem o tipo. Era isso mas tinha génio, uma coisa que os outros seus compatriotas não costumam ter. E era tambem nacionalista, tradicionalista, legitimista... Pois os mancebos da tradição não o ergueram nos seus escudos, deixaram que os conselheiros o elevassem nos côcos...

. . . .

Neste centenário cumpriu-se todo o ritual da banalidade: o sêlo comemorativo que só aparece muito depois da data a comemorar; a primeira pedra do monumento que nunca se ha-de erguer; a lápide na casa, onde ninguem sabe se nasceu o preiteado; a sessão solene, para onde se vai bocejar; a récita de gala, que antes se devera chamar de gálo, por terminar de madrugada; e, porque dum homem de letras se tratava uma montanha de papel coberta de letras...

Inventaram-se até umas medalhinhas, para serem vendidas como os registos dos santos nos arraiais, mas as medalhas tambem não chegaram a tempo.

*Suplemento d'*A Batalha *de 23-3-925.*

BRIO ACADEMICO

E' vulgar, é por vezes uma scie e um *leit-motif* de periodos girandolantes em discursos, este sentimento da honra, da dignidade académica. Vem a proposito e a desproposito de tudo: uma gréve por capricho ou por fortes motivos, um caloiro que não acata as praxas ou se arrepia ao contacto da tesoura, uma qualquer sarrafusca com os que se convencionou chamar futricas, uma passagem de graça... forçada até Lisboa. Para tudo isto se alega e invoca o brio académico. Muitas vezes se tem invocado fóra do tempo e de propósito, algumas vezes por desvario, outras por teimosia. Ter brio academico é coisa rara neste tempo e bem diversa do que muitos julgam. Ter brio academico é possuir, latejante, a maxima porção de generosidade e de abnegação; é dar todo o nosso esforço, desde o riso ás amarguras, á causa ideal que deve existir em qualquer espirito moço; é vibrar pelo trabalho, a corda sincera das ideias e não a dos preconceitos.

O brio do estudante deve consistir em *ser estudante*, e sê-lo é alguma coisa diferente do que ter possibilidades de gastar em Coimbra um dinheiro mais útil noutro destino, e uma época da vida que deixará no espirito marca indelevel até ao fim. Para *saber rir* é preciso ser inteligente, mas nem o riso nem a inteligencia excluem o trabalho e a reflexão. Não nos deixemos levar por impulsos que nada teem de notavel, alem da inconsideração dos arrastados; busquemos formas por nós próprios as nossas ideias, muito embora elas vão contra todas as outras; reflitamos sempre e não nos esqueçamos que o coração é um musculo bem distante do cerebro. Nisso está, principalmente, o nosso brio de academicos e se cada um dos colegas refletir ha-de ver que esta noção se afasta em muitos pontos do conceito usual...

: LUAS :

Lá por fóra o luar é um vendaval de luz,
Como êste amor desvairado,
Que nasceu numa hora de pecado
E há-de morrer numa cruz!

Lá por fóra o luar é um dilúvio de alvura:
—O teu corpo arrepiado,
Quando o tenho nos braços enleado,
E os teus olhos são lagos de ternura!

Hoje fiz-te chorar; eras tão linda assim...
(Lá por fóra o luar, pela noite sem fim,
E' um duende a correr por montes e quebradas!)

—São luas, *sabes, meu amôr?—Desejos*
De te ferir, para beber, aos beijos,
As tuas doces lágrimas salgadas!

A. DE SOUZA

◇

NOVIDADES LITERÁRIAS: **Os Pobres,** *de Raul Brandão e* **D. João**, *de Manuel da Silva Gayo. No proximo número José Régio dirá o seu entender sobre estes dois livros que tornaram notavel, intelectualmente, a semana que passou.*

◇

O Moderno Foot-ball Club, *florescente agremiação desportiva de Coimbra celebrou no dia 29 o seu aniversario.* A Humanidade, *agradecendo o convite dirigido, faz votos pelo seu desenvolvimento e prosperidades.*

◇

FAUSTO Gonçalves, pintor coimbrão e Antonio Vitorino, artista modelador, abriram a sua exposição no domingo, no atelier do primeiro, á cumeada. Brevemente daremos as impressões que dessa visita nos ficaram.

◇

Administração—Vamos enviar para o correio os recibos da cobrança dos primeiros seis uúmeros. Pedimos a todos os assinantes que satisfaçam a importancia da assinatura, evitando-nos prejuizos facilmente calculaveis.

◇

A *Humanidade* vende-se em Coimbra na Tabacaria Pátria, R. da Sofia; Casa Crespo, R. Ferreira Borges e Casa Transmontana, R. Larga.

POETAS DE . COIMBRA

... le ciel étoilé audessus de nos têtes ...

Kant

I

Sobre este mundo, leve grão de areia,
Caravela febril no Espaço imenso,
Deito os olhos ao alto e sonho, e penso,
Vendo os astros a arder na curva cheia.

Tantas estrelas, sois! Não ha quem leia
O total d'astros, sois, no Azul suspenso.
Milhões sobre milhões! Numero intenso
Que o pensamento nosso ofusca e enleia.

Voa mais longe a vista ébria do sábio
Na Imensidão, que é esfinge de granito,
De olhar perturbado e frio lábio.

São mais subtis os vidros das lunêtas
...E sempre a vista humana no Infinito
Olha mais sois, mais terras, mais planêtas!...

II

Oh velho sábio implume que examinas
A página imortal do firmamento:
Se tudo rola em largo movimento
Na precisão das leis que determinas,

Dize: ¿ Quem ha creado o regimento
De harmonia dos sois pelas campinas
Do espaço, misteriosas, cristalinas?
Jogos de força, Acaso ou Pensamento?

Quem regula as moléculas inglórias?
Os astros, aos milhões, cegos, que flama
Doida os lançou nas curvas trajectórias?

Que rebanho d'astros multicôr,
—Mundos longinquos, cujo corpo é lama
Terão ventura e guia dum Pastor?

III

...Ou dize tu, oh Sirices que me fitas
Com teu olhar azul, tremente e mudo,
Onde existe a Razão, Razão de tudo,
Dessa vida febril em que te agitas?

O que é que faz viver essas finitas
Vidas, cantando lúz no céu desnúdo?
Porquê ou para quê com brilho agudo
As órbitas dos mundos são descritas?

E a vida entanto foge sobre a terra
Entre as lutas dos homens e os insanos
Anhélos de saber se a Razão erra.

. . . .

Assim eu penso, olhando o fundo Espaço
Onde as estrelas ha milénios d'anos
Que abrem seus olhos d'oiro sem cansaço!

1924 **Silvio de Lima**

Notas sobre uma conferencia - abortada

A proibição da conferencia do sr. Homem Cristo, filho, ia tendo fóros de acontecimento neste pacato meio e mesmo fóra dele. Essa ordem proibitiva foi produto duma errada noção de liberdade que orienta os nossos ministros, e os nossos governadores civis. Acresce que nem mesmo esse errado conceito é seguido fielmente, e assim aparecem proibidas reuniões que noutras circunstancias de tempo se realizaram sem empêno de maior. Protestamos contra o aludido facto, bem como contra a opressão á propaganda e defeza serena das ideias de quem quer. Em nome da lei só deviam ser proibidas as conferencias dos que não teem ideias.

◇

O motivo alegado pelo sr. Joaquim Domingues, receando que o hospital não chegasse para conter os feridos e que os lenços encharcados de lágrimas escorressem até o Mondego crescer é na verdade para ponderar duas vezes... Se não é blague *de jornalista ávido de* sensation *merece que se tome na devida conta, a qual vem a ser o alongamento das enfermarias, ampliação da morgue e vedação conveniente do rio... O pai do sr. Homem Cristo, filho, chama no seu jornal coisas feias e nomes resoantes ao governador civil: ambos prevêem-lhe a quéda, e tudo porquê? Porque S. Ex.ª manifestou para com a espécie humana sentimentos que adornam os sócios da Sociedade Protectora dos Animais: Se o sr. governador conhecesse os Evangelhos já tinha murmurado: «Perdoae-lhes, que não sabem o que fazem!»*

◇

Tentou-se ainda realizar a conferencia na A. A., talvez por ser mais perto do hospital... Opuzeram-se alguns sócios e gritaram a favor outros sócios e não sócios. A direcção fez contra-vapor e disse que não por razões de grande pêso.

Discursos inflamados, vozearia, manifestações, segundo o temperamento de cada um e o sr. Homem Cristo, filho, «sóbe a um môcho, deita fala; mas ao contrario do que se esperava e era natural, não ensina por parábolas. Abriu os braços no geito do Dominus vobiscum *e disse que estivera em Paris, disparou-nos mais três periodos segundo o modelo do conselheiro Acácio e...* Ite, missa est. *Como a maior parte dos estudantes não quere saber de latins, em vez de responder:* Deo gratias, *deu palmas... E assim terminou aquela gloriosa jornada...*

Sustentar que um determinado dogma tem o sêlo da revelação divina é o cúmulo da presunção e da soberba.

Não há maior loucura que a de encastelar-se em «o que eu digo, di-lo Deus por minha bôca». E nada tão falso e mentiroso como responder a quem diz que Deus fala por sua boca:» Não, pela tua bôca não fala Deus, mas sim pela minha, e Deus ensina exactamente o contrário do que tu pregas». Pois assim raciocinam todos os concilios, todas as egrejas, todas as seitas; daí provem e continua originando-se todo o mal que castigou o mundo, ontem e hoje, em nome da religião.

Tolstoi

A duvida é a dignidade do pensamento E' preciso, pois, expulsar de nós o respeito cego de certos principios, de certas crenças; é preciso poder pôr tudo em duvida, examinar, prescrutar tudo: a inteligência não deve baixar os olhos, nem mesmo diante do que adora.

Guyau

Das Ideias e dos LIVROS

O Movimento de Arte Modernista em Coimbra

: Sobre um Manifesto e uma Conferencia :

Alguns rapazes aos quais tenho a honra de estar ligado, tentaram nesta pouca moderna cidade de Coimbra um movimento de Arte Modernista. Por emquanto, os únicos factos desse movimento são um manifesto e uma conferência que não chegou a ser ouvida. E' pouco, mas será mais. Ora como nem êsse manifesto nem essa conferência foram compreendidos, o que de resto já esperávamos, eu direi sôbre êles algumas palavras de crítica interpretativa. Primeiramente: Pela leitura do manifesto, toda a gente julgou dever classificar-nos de *futuristas*. Desconfio muito que de toda essa gente bem poucos estão informados sôbre o Futurismo: O manifesto que saiu é apenas uma espécie de cartaz arrogantemente lançado á atenção publica. O que nêle possa haver de *blague*, de leviandade moça, de exagêro rebuscado e consciente, de *pastiche* do Futurismo —não escapou á maioria do publico, como não escapa aos seus autores. O que á maioria do publico escapou foi o que nêle ha de sério, de sincero, de profundo. Certas inovações gráficas, certos arrojos gramaticais, de pontuação e de ortografia, bastaram a irritar muita gente e a toldar muitos olhos. Por isso muita gente não quiz compreender que apezar das inovações, dos arrojos, das extravagâncias, afloravam no manifesto inteligências e sensibilidades; e que essas inteligências e essas sensibilidades não podiam tomar por sua finalidade estética tais inovações tais arrojos e tais extravagâncias,—que eu em parte concordo sejam de mau gôsto e nem sempre originais, aceitando no entanto, e orgulhosamente, toda a responsabilidade que me advem de ter apoiado o manifesto. Quem quizer ver como não só em Coimbra (Oh! em Coimbra!...) mas até em todo o Portugal são ainda hostilizadas e incompreendidas tentativas estéticas perfeitamente aceites lá fóra compreenderá que um grupo de moços tenha a mocidade de atirar ao publico uma impertinência, uma incoerencia, uma rebeldia, um exagêro, uma atitude desconjuntada... O manifesto é isso. E como para alcançar dez é preciso pedir cem, e para chegar ao meio do monte é preciso por os olhos no cume, para que lhes seja reconhecida a liberdade de serem na sua Arte aquilo que são — julgaram os autores do manifesto que deveriam êles impôr ao público a sua personalidade caricaturada. Pode-se não concordar com os processos seguidos: julgo que as intenções finais são legitimas, e deveriam ser simpáticas a todos os Artistas. Porque a finalidade de tudo isto é apenas, num campo muito largo, a liberdade de cada Artista criar a sua própria Arte. Restringindo o caso a nós—nós que feliz ou infelizmente somos bem de hoje — essa liberdade é a liberdade de cada um ser de hoje atravez da sua sensibilidade própria. Poderiam estas coisas ser mais ou menos compreendidas, se a conferência que Antonio de Navarro tentou realizar tivesse sido ouvida, confrontada com o manifesto, e inteligentemente imterpretada. Mas Antonio de Navarro foi pateado por muito sinceramente querer dizer, a um público quási só composto de estudantes, portanto de colegas seus, palavras a que êle dera a eloquência do cérebro e a do coração. Não acham que os comentarios são inuteis? Parece que numa terra onde ha uma Universidade que blazona de ser a primeira do paiz, deveria predominar a cultura intelectual, a disciplina crítica, a elegância moral. Parece ainda que um público quási só composto de moços deveriam ter a generosidade natural, a camaradagem ampla, a ância de inédito, que caraterizam a mocidade. Infelizmente, parece tambem que nada disso acontece. Perdôem-me todos aqueles a quem estas palavras não assentam. Eu sei que êles existem, e com êles conto para a reacção do Espírito sôbre o Instinto, da força interior sôbre a força bruta. Eis, muitissimo em resumo, o que eu queria dizer sôbre o quasi-nada que o movimento modernista realizou. Sobre o que realizará, falar-se-há a seu tempo.

José Régio

Livros recebidos

Manuel Monteiro — «Camões-Luziadas», 1924. E' uma conferencia proferida na E. P. S. de Leiria, onde as virtudes e trabalhos do nosso épico são devidamente isaltados. Camões tem tido tanto quem dele fale e escreva que não admira que apareça gente a dizer que o não entende.

E' ainda discutivel o valor do ensino camoneano em escolas secundarias, mas já que a lei assim está não se deve vituperar os que procuram cumpri-la, antes pelo contrario.

Alberto d'Almeida M. de Carvalho —«Vida Pastoril e A Sr.ª Professora»

(Dois pequenos romances), 1925.

Trabalhos dum homem de leis, que repousa na literatura, cançado da aridêz do código, ao que diz.

Sendo assim não é de admirar o aspecto pouco *literário* que apresentam as suas composições. Em horas de desfastio raramente se consegue fazer boa arte. E se afinal com esse folheto o autor conseguiu repousar o espirito e ainda pagou a edição, é caso para que o felicitemos pois o descanço, mesmo pago, nem a todos é permitido...

A' margem da questão sebástica

Damos neste numero um excerpto da conferencia que sob este titulo realizou no Teatro Souza Bastos o nosso amigo Mário de Castro, e que brevemente será publicada na integra:

—«Com efeito, e admitindo ainda um momento mais que a sua critica á democracia está certa, sabe o sr. Carlos Malheiro, sabe toda a gente, que a democracia embora haja de se considerar um flagelo, é todavia um flagelo inevitavel como uma saraivada ou outro qualquer fenómeno da Natureza, um facto, o facto ultimo, irrevessivel e fatal de nossos dias. «Pode-se deplorar, como se deplora a volta do inverno, mas com a mesma inutilidade. E' absurdo entregarmonos por sua causa a uma filosofia de gemidos. O melhor é acomodarmo-nos a ela e adoptar-lhe o melhor possivel as instituições de forma a extrair-lhe o maior bem ou, ao menos, o menor mal». Parece-me, por consequencia, que exortar os moços a combater contra a democracia, será induzi-los a um desperdicio quixotesco e inglório de energias viris e generosas, que seriam incomparavelmente mais úteis ao patriótico anceio de todos, empregados, não em utopias de destrui-la, mas no esforço construtivo de organisa-la. Sabe, aliáz, o sr. Malheiro Dias que a sua exortação aos moços para que extremassem campos, opondo ás fileiras da plebe as fileiras dos intelectualisadores, sobre ser uma instigação á lucta de classes, relutancialmente idêntica á do revolucionarismo, seria nos tempos de hoje perfeitamente anacrónica. A parte da revolução industrial na Inglaterra tornou-se cada vez mais dificil estabelecer a diferença entre classes intelectuais e classes que o não são, porque cada vez mais o trabalho manual e o trabalho intectual se acompanham indissociavelmente, quer por força da sua natureza intrinseca, quer por imposições externas de solidariedade por divisão de trabalho.

Instigar os moços a que mantivessem essa diferença. era portanto instiga-los não só a um anacronismo e a uma utopia, pouco generosa aliáz, mas instiga-los ainda a agravar os próprios males que condena. Porque é precisamente por um afastamento sistemático das classes intelectuais, fazendo a cultura pela cultura, num egotismo individualista incompativel com as suas responsabilidades sociais, é precisamente porque os homens de cultura se acobardam e desertam dos seus lugares de comando, humananamente entendido, é por esse desdem snob dos intelectuais pelos outros, que se tornam possiveis os desvarios e os despotismos que o sr. Carlos Malheiro Dias atribue ás multidões. E não é instigando os moços a que comandem *de cima*, a que comandem, mas guardando orgulhosamente as respectivas distancias, a que comandem, emfim, que esses desvairos e esses despotismos se aplacam.

Sabe, porém, o sr. Malheiro Dias que a democracia não é esse despotismo das multidões, nem essa liberdade licenciosa, nem essa egualdade sem restrições, que como tal vinha apresentar aos estudantes de Coimbra. Os seus venerandos cabelos brancos de patriota insigne, que respeitamos incondicionalmente, não lhe dão o direito de desacreditar em nome do seu ideal o nosso ideal de democrata, apresentando-o a pessoas de inteligencia deturpado em seus fundamentos. Dizer que a democracia é o predominio ultrajante do número, o despotismo anárquico das multidões, seria peor que atribuir ao rei do sistema integralista o poder despótico sobre os seus súbditos. Tambem nós queremos o predominio da inteligencia e a reintegração de inteligencia nos seus legitimos logares de comando, mas queremos que ela conquiste esses lugares pela demonstração evidente das suas qualidades e governe, não actuando discrecionariamente e dispondo dos governados como quem dispõe de coisas, mas *convencendo*, e por isso Beryson diz e muito bem, que a democracia é «a comunidade de obediencia, *livremente consentida*, a uma superioridade de inteligencia e de virtude».

E por isso que queremos o predominio da inteligencia queremos que o predominio pertença á verdadeira inteligencia e não a uma camada intelectual selecionada convencionalmente atravez de privilegios historicos e hadicionaes; e para isso é necessario desfazer todas as barreiras artificiosas de preconceitos de classe, criar todas as facilidades economicas que permitam a livre manifestação das vocações individuaes. Os democratas não desconhecem as desigualdades naturaes dos homens, mas reconhecem que só na democracia os valores mentaes, protegidos ou desprotegidos da fortuna, teem a necessária garantia de livre expansão e desenvolvimento. A igualdade é assim, para eles, apenas a «igualdade do ponto de partida» como é frequente dizer-se em Inglaterra, compativel, portanto, com a hierarquia dos valores.»

Mario de CASTRO

«As diferenciações sociaes baseadas outróra nos previlégios, nos preconceitos de raça, de casta e de religião, essas como que rugas do corpo social, pouco a pouco as foi apagando o nivelamento igualitário dos séculos, a onda aluvial das revoluções. Uma linha divisória — que é um abismo, se mantem porêm, e cada vez mais nitida, separando implacavelmente os homens. Em abismo é a propriedade, o mais forte esteio do poder e da autoridade; é ela que origina a exploração do homem pelo homem e mantem no século da liberdade de consciencia o previlégio iniquo do capitalismo». — *Manuel Ribeiro*

LITERATURA

A . ILHA . DA . FORTUNA

DOIS longos sois no mar são já passados que vagamos no *Garajau* de lento baloiço triste, em cata da Ilha Primária ou das Donzelas. Um portulano medieval a traz sob êste signo. *Insula Columbi*, ou da Graça de colo real formoso; *Insula Capracia* ou de cabrita úbere e montesa; ao fundo, *Insula di Corvi Marini*, esboçadas na traça da pinacoteca de bordo são como sombras deleitosas, rastos de aves de bico dentirrostro. Mas, trabalhados, os dias vão penosos, correm as horas no páteo do már como nereidas e, pic, pic, nas cordas que a vaga faz erguendo-se, as toninhas cabritam.

O mar é o pasmaceiro mais pasmado e, abaulado em seu regular movimento, debaixo do céu, semelha um cérebro de vastos pensamentos.

A's vezes, do cesto da gávea abandonado, um rápax voa, explora em altitude. E seu ôlho redondo regressa estático da viva luz difusa, leitosa das nuvens madreporárias que escorrem.

Meio dia batido na sineta de bordo, por toques duplicados, estou na ponta e o capitão do barco. Pêra ruça e confiada, maçãs po rosto vermelhas como camoesas maduras, êle é o oráculo da armada que só tem capitânea.

Vamos muitas pessoas. Embarcaram os cavalheiros vestidos da lã dos merinos, as madamas de farta sêda colada aos peitos e ás ancas, como os sábios de barba veneranda e os cansados, esmorecidos jogadores de Mónaco. Em meia nau subiram criados á tolda com almoços frugais, queijos da serra e os amanteigados flamengos, dois gomos da desenjoativa laranja e um hemisfério do cítrico frutinho. E inclanados, tenteando o disco, caixeiros de mostras da Covilhã jogam o *burro*.

A civilização da Europa estava mesquinha e caduca. Os ódios á sôlta eram como lobos vorazes mamando na mãe romana, não como Rómulo, como Remo os fundadores da cidade, mas como parasitas derradeiros da velha cidadania. De-balde os povos esperaram que breve, de Leninegrado, viesse o resgate requerido.

Só o mal. pegando como silva, instalava as mais retorcidas raízes para lá dos mais baixos nateiros. E sob a forma multiplice de polo, ardil ridente ou negaça, derrubava as raras figuras de asceta, sábio ou letrado em busca da forma arqui-perfeita. Os casinos e os bordéis alastravam-se, e não contentes dos mais pacatos burgos, abriam sucursais pelas aldeias serranas, rijas do exemplo austero dos antigos: — a ponto que, roídos de misćria, os *leaders* sociais passaram a porteiros e contratadeiros de teatro.

Resolvemos pois, perto de mil portugueses, tentar no Mar do Sagaço as Ilhas da Fortuna. Um conselho se reüniu pressuroso para fretar galeão. Resolveu-se passar á vida verdadeira, sem sinal, nem diferença hierárquica. Mas os batoteiros teimaram em levar no bôlso algumas fichas e os caixeiros em trescalar a opopónax. Grandes senhoras puseram pó de arroz e encomenderam de Paris bisalhos. Banqueiros trouxeram as amantes em reservada *cabine*. E os papos-secos não abandonaram os monóculos nem os sapatos ponteagudos, com ralador na biqueira.

Nas longas horas de bordo, os sediços costumes burgueses entretêm os viajantes: joga-se, pedem-se refrescos gelados; um casalinho de fresco maridado rô-rôla contra a amura. Cadeiras de lona atravancam as passagens estreitas, e nelas, recostados com negligente modo, meninas erguem os braços á cabeça. (Bela como és, minha, e de corpo subtil na malha roxa que vestes, suponho-te uma alforreca em sêco, vivo presente de El-Rei Mar...)

Murmurado isto comigo, a noite surpreende o barco, encapuchada vem de bruxaria e, sem estrêlas, profunda a todo âmbito, é um emplasto de breu no mar Oceano.

—Boa noite!—desci da ponte onde passei a tarde, ao pé do capitão, que agora cachimba o seu fastio, rufando nas vidraças. Sente-se ranger o correntão do leme, que segue na sua calha, recua, avança de novo e devagar, oleado e grosso. Dou uma volta ao convés. Provida de dois êmbolos, vê-se a máquina trocá-los no labor, e parece uma máquina volante de costura pespontando a água salsa. Se houvesse lua, ver-se-ía a cauda espumosa e a sombra do conta-milhas; seria o mar um lençol. Mas não. Emquanto dêsço ao camarote, desrolho os pés sacando as botas, dependuro o casaco nos varandins do beliche, um novelo de escuridão doba que doba e um ventozinho sêco gira-gira. Vuuu... Canta na mastreação, nos ventiladores, que são como flores de jarro. Um pouco mais bufão apagaria Santelmo. E gorgolante, progressivamente voluptuosa, a água a bombordo —o meu bordo—afoga tôda a vigia.

Vamos experimentar a moleza da cama. Bem... Sômente o cobertor me deixa os pés de fora. Ennogo-me contra o frio, mas a porta bateu, ergui-me e refechei-a. Só agora, de papo para o ar, considero a proximidade da terra afortunada aonde pus meu desejo. Lá, dizem, corre o tempo mais doce que um favo de mel cantado por Lucrécio. A vida é natural, e branda e boa. Os corações são amplos e perfeitos. E a paz, senhora de ása branca, abraça as coisas tôdas sob o frouxel da penugem, feita da luz mais fofa, do mais meigo calor e da mais santa graça.

Vu, vu... ¡Ah, maroto de vento, que me atrazas a marcha!

De manhã. Aromas de cedro, de pitósporo, de faia, impregnam os pulmões á gente; que regalo... Nasceu o sol com rubor de donzela e subiu, deitou no azul um pingo de oiro esplêndido. Eu sonho. E já no horisonte se desenhou a terra. Correm de seus fugúrios as donzelas vaidosas, as rebarbativas damas, os banqueiros da bota ladroa, de borracha. Afluem maquinistas que o óleo vil besuntou, conzinheiros trazendo na mão couves fronchas, os coramastros com véstia de ganga escura. E todos, varados de surpreza, emquanto a sereia larga o seu pio de espanto, vêem, ao fundo, enorme, ascendendo em pluvial de rosas a grande ilha de que Platão falava, e nela a *Civitas Dei* formidanda.

Uma abada de pétalas e fôlhas cai, tomba sôbre os maldosos de nós: é a luz da aurora. Mas já no esplendor subitâneo, sucedeu oiro, oiro vertido, pluriforme e ofuscamente, sucedeu a luz que a todos esclarece e iguala dadivosa. Não mais, em velhas cidades corroídas, sombra de hostil palácio a dar alento á humidade, e nesta, sobre cacos de barros, sobras de rancho podre aos pobres tristes. Nunca mais a betesga e nela aberta a porta onde a pobrinha, necessitada rameira, debruça os seios e espera. Para longe o verde tapete onde os cegos, os maus de entendimento, lançam o pão das filhas em rodelas. E prisões de revoltados justos, de ladrões sem roubar, de matadores que apenas deram vida, nunca mais junto ás muralhas dos fortes, ao pé das tôrres feias, com negras varas de que fogem pombas.

Primaria sive puellarum, a ilha da Fortuna abriu seu seio a nós todos.

Vitorino Nemésio.

«E' tambem para notar que o parlamento tende cada vez mais a ser um organismo administrativo. A questão social é uma questão de ordem pública. E' uma questão com a polícia. A questão financeira é a mola real de toda a engrenagem parlamentar. O ideal do bom político está em administrar bem. Uma situação politica é uma gerência. A política—reflexo da fase industrial que a civilisação atravessa—tem necessariamente de ser mais a arte de administrar do que a arte de governar.

O que é que nós fariamos num parlamento destes?—»

Manuel Ribeiro

Universidade Livre

Conferencia pelo academico José Crespo.

Por iniciativa da Universidade Livre realisou no Ateneu Comercial, o academico José Crespo, a sua anunciada conferencia sobre o uso do tabaco e os seus efeitos.

O conferente, que foi ouvido por uma numerosa assistência combateu o seu uso com basta soma de argumentos e apontou os males que dele adveem para o organismo humano, terminando por qedir a todos os presentes que concorram para que esse terrivel vicio não mais se propague e façam por evitar que os menores fumem.

«Como elas próprias confessam as religiões não se dirigem á convicção fundada sôbre razões; dirigem-se á fé especada sobre a revelação. Ora, é na infancia que a aptidão á fé é mais forte; eis por que elas teem em vista, antes de tudo, apoderar-se dessa tenra idade. Desta forma, bem mais ainda que pelas ameaças e narrações de milagres, é que as doutrinas da fé se enraizam. Se na primeira juventude se expõe freqüentemente ao homem, com uma solenidade desacostumada e ar sério, completamente novo para ele, certas vistas e doutrinas fundamentais, a impressão será tão profunda que, em regra geral, isto é, na maioria dos casos, não poderá duvidar das doutrinas a menos que duvide da sua própria existência. Eis porque, entre milhares de individuos, apenas um possuirá assaz firmeza de espirito para se preguntar sériamente e sinceramente: *isto* será verdade? E assim, a classificação de *espiritos fortes* dada a quem possue essa firmeza é mais justa do que vulgamente se julga.

Schopenhauer

PAGINA . SPORTIVA

Campionato de Coimbra

Academica 2 — União 0

Os encontros Academica-União são sempre aqueles que se esperam com mais interesse. O União mantém o sonho de vencer a A. A., mas sai sempre do campo com mais uma desilusão.

No dia 15 teve mais uma, não tão grande como devia, porque o seu rival jogou com um nervosismo extraordinario quando lhe faltou Esquivel.

Apezar dum «score» que podemos considerar baixo, dada a diferença dos adversarios, a Academica dominou muito, mostrando uma maior quantidade de conhecimentos.

Comtudo, e como nos anos transactos, o União diz que «para a segunda volta»...

E' provavel, porque nessa altura já joga o «formidavel» Matos...

Homenagem

A direcção da Associação Academica prestou no dia 23 uma festa de homenagem ao seu jogador de primeiras categorias de «foot-ball» Antonio Galante.

Este velho jogador da gloriosa Academica vai casar-se e deixa, com bastante mágoa de todos, de prestar o seu concurso valioso ao «onze» de que tem feito parte.

Nada mais justo do que a festa de 23. Galante foi sempre um seguro esteio do seu grupo e um jogador modelo.

Em varios brindes que lhe fizeram foram salientadas as suas qualidades de camarada e de desportista sempre leal.

Galante vai em plena fórma e deixa o seu grupo sem alguem que o substitua com vantagem.

D'aqui nos associamos á homenagem prestada a Galante e fazemos os votos mais sinceros para que encontre na sua nova vida as felicidades de que é merecedor.

Coimbra - Braga

Preparavamo-nos para escrever aquilo que pensavamos sobre tal assunto, quando mão amiga nos entregou o numero da «Gazeta de Coimbra», que acabava de saír.

Fomos ler a sua secção sportiva e encontrámos aquilo que esperavamos, uma carga á Associação Academica.

Foi nosso primeiro intuito nada responder em defesa da A. A., porque ela está um pouco superior a tudo aquilo que dizem os jornalistas sportivos cá da terra, mas cumpre-nos pôr as coisas no seu devido lugar.

Diz a «Gazeta» que a atitude da Academica, «seja qual fôr o seu fundamento, é pouco sportiva».

Então não será razão suficiente o facto de quatro jogadores estarem absolutamente impossibilitados de jogarem?

Uns, estão magoados, como Esquivel; outros, teem a sua vida escolar um pouco embaraçada.

Fala o jornalista nos regulamentos que se teem de cumprir.

Veja quanto é infeliz!

O regulamento da A. F. C. diz que «a A. A. não será obrigada a jogar oito dias antes e oito dias depois de férias».

No domingo, 29, a A. A. fica dentro da lei. Mas, num infeliz jornalista, a A. A. não se recusou a jogar na selecção, pediu que fosse adiado o encontro, para que não houvesse um fiasco. Fez um pedido a tempo de a A. F. convencionar com Braga o adiamento do desafio. A Academica conhece muito bem o «onze» representativo de Braga e não queria que se travasse uma luta inglória.

A A. A. tem mais consideração para com a cidade do que ela costuma ter para com o seu grupo. Emquanto os seus homens trabalhavam para bem vencerem a selecção da Figueira, os naturais criticavam desfavoravelmente o seu jogo.

Parece nos que a A. F. C. procedeu de animo leve. Devia ponderar o pedido que lhe faziam. Não quiz, organizou uma especie de selecção que vai apanhar poucas em Braga.

Assistimos ao treino d'hoje e viemos convencidos de que a derrota deve ser grande. Na primeira parte do mesmo treino, Nito, o «explendido» guarda-rêdes, fez um pessimo mergulho, quando a bola ainda estava nos pés do jogador contrario.

O tão falado Matos, que a «Gazeta» põe em lugar superior a Lopes, continúa sendo um pessimo avançado centro. Não sabe o que é distribuir jogo; ele e só ele. Os seus companheiros nada recebem dele.

A selecção vai muitissimo fraca. Cheira-nos a uma pesada derrota para Coimbra.

26-3-25.

◇

Afinal a selecção que a Associação de Foot-ball arranjou *ad hoc* conseguiu empatar em Braga.

Lá diz o ditado:—*ao menino e ao borracho*...

Dada a inferioridade da selecção que representou Coimbra, á sua falta de conjuncto, de homogeneidade, de peso e de jogo, uma dedução se tira do resultado: ou Braga jogou muito mal, ou o factor *chance* sorriu nos noventa minutos ás balizas conimbricenses.

Seja o que fôr, o que é verdade é que o districto de Coimbra não exibiu em Braga o seu melhor esforço em *foot-ball*. E a prova é que apezar do empate, os nossos foram completamente dominados.

Não nos move qualquer resentimento contra este ou aquele. Antes pelo contrario, os jogadores são dignos de todo o elogio pela prima com que procuraram honrar o «foot-ball» conimbricense.

O que é de lamentar, e que nós profundamente lamentamos, é que podendo o «*foot-ball*» deste districto ser muito melhor representado do que o que foi, se fique em Braga supondo que o *association* conimbricense não tem melhor do que o que mostrou em Braga.

Emfim: — manda quem póde.

Marcha do Campeonato de Coimbra

CLUBS	Jogos	Ganhos	Empatados	Perdidos	Goals Pró	Goals Contra	Pontos
1.as categorias							
Associação Académica	4	4	0	0	15	0	8
Sporting Nacional	5	3	0	2	7	9	6
Moderno Foot-ball Coimbra	4	2	0	2	6	11	4
União Foot-ball Coimbra Club	5	2	0	3	3	7	4
Sport Club Conimbricense	4	0	0	4	0	4	0
2.as categorias							
Aviz Atlético Coimbra Club	2	2	0	0	4	1	4
Moderno Foot-ball Coimbra	2	1	0	1	1	4	2
Associação Académica	2	0	0	2	0		0
União Foot-ball Coimbra Club	—	—	—	—	—	—	—
3.as categorias (I Divisão)							
Associação Académica	4	3	0	1	23	1	6
União Foot-ball Coimbra Club	3	2	0	0	10	5	4
Sport Club Conimbricense	2	1	0	1	0	7	2
Sporting Nacional	3	0	0	3	2	12	0
Moderno Foot-ball Coimbra	2	0	0	1	1	14	0
Aviz Atlético Coimbra Club	1	1	0	0	2	1	2
3.as categorias (II Divisão)							
Santa Cruz	2	2	0	0	4	2	4
Santa Clara	2	1	0	1	9	2	2
Conimbricense Foot-ball Club	1	1	0	0	7	0	2
Progresso Foot-ball Club	2	1	0	1	5	4	2
Luzitanos	3	0	0	3	2	19	0

Portugal-Italia

Em Junho tambem se realisa pela primeira vez o desafio de selecções Portugal-Italia, devendo o encontro ter logar em Lisboa.

Bom era que a União se interessasse para que outros jogos internacionaes tivessem logar, como por exemplo, com a França, Belgica, etc.

Com a realização de inumeros *matches* internacionaes muito teria a lucrar o *foot-ball* nacional.

Lisboa-Madrid

Em Lisboa, perante a maior assistencia desta época—15.000 pessoas — disputou-se domingo passado no campo da Palhavã, a "Taça da Guarnição Militar de Lisboa", entre as équipes militares hespanhola e portugueza.

A victoria de 2 bolas a 0 coube aos nossos compatriotas que desenvolveram um jogo perfeito de conjuncto e energia. Os hespanhoes, apezar de vencidos, jogaram sempre com um "élan" e uma vontade admiraveis.

Foi uma soberba tarde de "foot-ball" bastante honrosa para o "foot-ball" nacional, que, como se vê, vai progredindo notavelmente.

A correcção extrema com que as équipes se conduziram em campo, muito facilitou a arbitragem de *Jorge Vieira*, que foi admiravel.

Assistiram: o sr. Presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro da Hespanha, etc.

◇

Os jogadores hespanhoes teem sido alvos, em Lisboa, das mais sinceras manifestações de apreço e amisade, por parte de todas as entidades oficiais.

Portugal-Hespanha

O desafio de seleções Portugal-Hespanha, realiza-se em Lisboa em 17 de Maio proximo.

O facto de a assembleia geral da União Portugueza de Foot-ball, ter resolvido, por dois votos de maioria, a realisação do encontro na capital do paiz, produsiu descontentamento entre os desportistas portuenses que esperavam que ele tivesse logar no Porto, para o qual tinham movido as maiores influencias, baseando-se em que o terceiro Portugal-Hespanha se havia realisado em Sevilha.

A selecção de Lisboa, ao que se afirma, será composta por nove homens do Sporting, Cesar, dos Belenenses, e Vieira, do Bemfica.

Coimbra-Lisboa

Ao que informam os jornais, este ano realisa-se o I Coimbra-Lisboa, devendo ter logar nesta ultima cidade, em 26 de Abril corrente.

Ocorre-nos perguntar: irá a mesma selecção, ou aquela que jogou contra a Figueira?

A vêr vamos...